



A FICÇÃO LITERÁRIA NA PERSPETIVA DA IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR

Dra. Fernanda Henriques
Docente na Universidade de Évora

RESUMO: O presente texto vai abordar a questão da identidade narrativa de Paul Ricoeur, no sentido de mostrar que ela concretiza a ideia de vulnerabilidade própria do pensamento ricoeuriano e que a sua relação constitutiva com a ficção literária é uma das expressões dessa vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade narrativa. Vulnerabilidade. *Cogito* ferido, temporalidade.

ABSTRACT: This paper will address the issue of narrative identity of Paul Ricoeur, to show that it embodies the idea of vulnerability proper of Ricoeur thinking and that its constitutive relationship with the literary fiction is one of the expressions of this vulnerability.

KEYWORDS: Narrative identity. Vulnerability. Wounded *cogito*. Temporality.

A identidade narrativa como paradigma de vulnerabilidade do saber de si

A concepção de *identidade narrativa* de Paul Ricoeur é uma das expressões, porventura, a mais paradigmática, do traço de vulnerabilidade que, no meu entender, marca todo o filosofar ricoeuriano, exprimindo a incomensurabilidade entre uma racionalidade humana incarnada e, portanto, finita e uma realidade sempre excedentária.

Herdeiro de uma racionalidade forjada nos parâmetros da modernidade, Paul Ricoeur recusará, contudo, desde sempre, a total transparência do saber a si mesmo – defendendo, ao contrário, que é inevitável filosofar com pressupostos –, bem como também se demarcará sistematicamente da hipótese de um discurso totalmente unificado sobre o real – opondo à ideia de um Saber Absoluto a inevitabilidade da Hermenêutica.

Nesse sentido, poderemos encontrar nos textos do autor uma série de aforismos dessa marca de vulnerabilidade do pensar humano. Cito, apenas os dois exemplos mais conhecidos “é sempre possível dizer o mesmo de outra maneira” ou “explicar mais para compreender melhor”.

A concepção de identidade narrativa como uma hermenêutica do si mesmo configura-se, como se sabe, em *Soi-même comme un Autre*. No entanto, há dois marcos anteriores que antecipam essa configuração: *Le Volontaire et l'involontaire*, a primeira obra da *Filosofia da Vontade* e *L'Homme Faillible*, a primeira parte do segundo momento do seu projeto filosófico.

Le Volontaire et l'involontaire, embora assumindo que toda a filosofia tem de começar por uma primeira *Revolução Copernicana*, marcando o primado da subjetividade como polo de referência do mundo dos objetos, explicita, claramente, que o *Cogito* que vai estar em jogo não é uma consciência puramente transcendental, mas uma subjetividade incarnada ou corporal. Nesse quadro põe de manifesto que a filosofia reflexiva onde se inscreve está longe de ser uma filosofia da consciência ou de um sujeito suprema origem do sentido.

Em *L'Homme Faillible*, Paul Ricoeur introduz a condição de possibilidade da ideia de consciência como texto – que virá a teorizar em *De l'interprétation*, nos anos, 1965, pondo em diálogo Freud e Hegel –, através do conceito de *labilidade* humana,

marcando a ideia de que o ser humano é um ser frágil porque a sua natureza é marcada pela desproporção ou pela incoincidência.

Todos estes traços de incompletude e vulnerabilidade serão retomados e subsumidos na concepção de identidade narrativa. Nessa linha, é afirmado no *Prefácio de Soi-même comme un Autre* a pertinência desta problemática à querela sobre o *Cogito*, bem como o lugar que nessa querela ocupa a hermenêutica do si mesmo: “C’est pourquoi aussi la querelle du *Cogito*, où le «je» est tour à tour en position de force et de faiblesse, m’a paru le mieux capable de faire ressortir d’entrée de jeu la problématique du soi, sous la réserve que nos investigations ultérieures confirment la prétention que nous formulons ici, à savoir que l’herméneutique du soi se trouve à égale distance de l’apologie du *Cogito* et de sa destitution.” (Ricoeur, 1990, pp. 14-15). Ainda dentro da mesma atitude, é afirmado, no início do *Prefácio*, que a primeira intenção de *Soi-même comme un Autre* é “de marquer le primat de la médiation réflexive sur la position immédiate du sujet” (Ricoeur, 1990, p. 11), intenção essa que reafirma a tese fulcral de *De l’interprétation* de que a reflexão não é intuição e que o saber de si tem sempre de ser mediado por uma hermenêutica.

Assim, *Soi-même comme un Autre* retoma o mesmo registo crítico de Paul Ricoeur em relação às filosofias reflexivas enraizadas no *Cogito* cartesiano, afirmando a sua pertinência a essa tradição, mas, simultaneamente, matizando-a com a reserva em relação a um *Cogito* triunfante, origem e fonte de sentido e, ao mesmo tempo, totalmente transparente a si próprio¹.

Deste ponto de vista, *Soi-même comme un Autre* é o termo de um percurso. A identidade narrativa representa uma modalidade da resposta à pergunta *quem sou eu, eu*

¹Em vários pontos da sua obra, Ricoeur se posicionou em relação ao *Cogito* cartesiano, dizendo que o *Cogito ergo sum* representava “une vérité vaine qu’elle est invincible” (Ricoeur, 1969, p.21). Enquanto verdade invencível, ela deve ser o ponto de partida do filosofar, mas esta inabalável certeza é, contudo, vazia quanto ao saber, porque o *eu sou* só pode abrir-se à interrogação avassaladora *quem sou eu?*, para a qual não tem resposta em si mesmo. O *eu sou* “c’est une vérité qui se pose soi-même” (*Ibidem*, p. 21), mas “cette vérité est une vaine vérité, elle est comme un premier pas qui ne peut être suivi d’aucun autre, tant que l’ego de l’ego *Cogito* ne s’est pas ressaisi dans le miroir de ses objets, de ses oeuvres et finalement de ses actes” (*Ibidem*). Na década de 60, quer na sua grande obra sobre Freud, quer no conjunto de textos que constituem *Le Conflit des Interprétations*, Paul Ricoeur irá trilhar várias vias argumentativas para demarcar a filosofia reflexiva das ideias de *consciência*, *transparência* e *origem*, de modo a poder instituir que o saber de si de uma subjetividade corporal só pode ser obtido pela mediação da interpretação e no horizonte de um constitutivo não saber, que lhe advém da posição na existência da subjetividade. Nesse longo percurso reafirmará insistentemente que “une philosophie de la réflexion doit être tout le contraire d’une philosophie de la conscience” (*Ibidem*, 22), que “ (...) le *Cogito* n’est plus cet acte prétentieux qu’il était initialement [...] [qu]’il s’apparaît comme déjà posé dans l’être.” (*Ibidem*, 25), que, finalmente, o saber de si é uma tarefa interminável.

que sou?,apontando, no âmbito da teoria da linguagem e da narrativa, de que releva, e no campo prático, em que emerge, na mesma direção que a noção de *labilidade*, configurada em *L'Homme Faillible*, indicava, no plano da legitimação de um princípio antropológico capaz de dar conta do aparecimento do mal no mundo. Nascidas ambas no contexto do confronto de Paul Ricoeur com as duas aporias da racionalidade, o mal e o tempo, ambas indicam, simultaneamente, a incompletude constitutiva da discursividade e o seu desejo, movido pela injunção ontológica que a atravessa, de dizer a palavra possível. Assim, apesar da diferença de natureza que as separa, uma vez que a *labilidade* é um caracterizador do modo de ser humano enquanto desproporção entre finito e infinito, e a *identidade narrativa* não diz respeito à natureza do humano, mas ao modo como este se liga à sua ação, uma e outra representam *rejetons* do árduo trabalho filosófico de Ricoeur para permanecer fiel ao sentido, por ele assumido, de que todas as perguntas da filosofia se orientam para a pergunta essencial *que é o ser humano?*,como afirmava Kant.²

Mas *Soi-même comme un Autre* é, igualmente, termo da outra face do percurso de Ricoeur na busca do saber de si de uma subjetividade corporal concretizada na *longa via* percorrida por aquele autor para instituir a sua hermenêutica como *via longa* da inscrição do fenomenológico no ontológico. Essa *longa via* inicia-se, sem *La Symbolique du Mal*, como uma Hermenêutica dos símbolos sagrados, desenvolve-se e consolida-se por meio de uma Hermenêutica dos textos, para terminar em *Soi-même comme un Autre*, numa Hermenêutica do si mesmo como correlativo de um ser que age e sofre. Deste ponto de vista, *Soi-même comme un Autre* acolherá os resultados da prática filosófica de Ricoeur no campo da teorização sobre a linguagem exigida pela sua investigação em torno da Hermenêutica. Em tal perspectiva, *Soi-même comme un Autre* está na continuação direta da recentração na problemática da ação realizada por *Temps et Récit*, indo ocupar-se da capacidade de iniciativa humana ou do humano enquanto capacitação, isto é, de um ser que diz *eu posso*. E o ser humano diz *eu posso* em quatro direções: posso falar, posso agir, posso narrar e narrar-me e posso ser imputável,

²Na sua obra, *L'identité narrative. Une reprise à partir de Freud de la pensée de Paul Ricoeur*, Genève, Labor et Fides, 2001, Muriel Gilbert faz uma análise desta dimensão de *Soi-même comme un Autre*, acentuando que nele vai estar em causa um *soi* e não um *je*, acrescentando que o *soi* engloba o eu, mas também o tu e o eles e, por outro lado, chama a atenção que, nessa obra, Ricoeur desenvolve a problemática da atestação por contraposição à certeza do Cogito cartesiano. Ora a atestação é apenas o “mode particulier de certitude qui lie le soi à sa condition d’être agissant d’une part, et d’être souffrant d’autre part” (Gilbert, 2001, p. 109).

criando, com a amplitude do seu poder, quatro campos de análise subsumidos em *Soi-même comme un Autre* pela interceção de três jogos de linguagem no âmbito da ação: *descrever*, *narrar* e *prescrever* o agir, sendo a modalidade narrativa que permite a articulação entre uma aproximação puramente descritiva e descomprometida da ação e os planos ético e moral, estabelecendo a possibilidade de uma mediação. Contudo, a capacidade de iniciativa humana releva da existência de um si mesmo, de uma ipseidade que, não sendo já um eu substancial, só pode ser descrito como uma *identidade narrativa* e só nessa forma ter acesso à discursividade e à significação, remetendo para o literário como o berço da conceção de identidade humana, e, por esse gesto, marcar o saber de si do ser humano, com uma indelével vulnerabilidade, nomeadamente se pensarmos nos quadros de um mundo que privilegia o quantitativo, a certeza e uma suposta objetividade toda-poderosa.

Identidade narrativa e temporalidade – radicação no literário e abertura ao ético

O problema da identidade em Paul Ricoeur é o do modo de conceber a permanência no tempo. No fundo, trata-se de pensar a configuração de um si mesmo que é um ser no tempo, um ser que nasce, tem um processo de maturação e envelhece. Como articular as mudanças necessárias e constitutivas desse ser no tempo com a ideia de uma permanência, de uma constância?

A resposta de Paul Ricoeur é a de que apenas a mediação da narrativa permite a compreensão dessa permanência no tempo, aproximando a identidade da noção de **personagem** de uma narrativa, porque, para o autor, a narrativa compõe continuidade e descontinuidade, suportando, por isso, a dimensão durável da personagem, no quadro de um dinamismo que articula permanência e mudança.

A *identidade narrativa* é, como Ricoeur lhe chama, um *rejeton*, ou seja, um produto, simultaneamente, princípio de solução e problema, resultante de um longo percurso através da narrativa histórica e da narrativa da ficção que *Temps et Récit* consubstancia. Fazendo o seu aparecimento no final de *Temps et Récit* III, a *identidade narrativa* funciona como uma hipótese teórica permitindo a articulação daquelas duas espécies de narrativas, representando o lugar em que história e ficção se cruzam. Neste quadro, compreender a *identidade narrativa* supõe, antes de mais, ter em conta tudo o que ressoa através do seu contexto de emergência que agruparei em três temáticas: 1. a

relação entre *identidade narrativa e a refiguração humana do tempo*, 2. aradicação no literário da conceção de *identidade narrativa* e 3. a dimensão prática da *identidade narrativa* e a sua remissão para uma ética.

A relação entre *identidade narrativa e a refiguração humana do tempo*

A *identidade narrativa* surge no final do capítulo 5 de *Temps et Récit III*, cujo objetivo é mostrar como o *tempo humano* é a refiguração do tempo decorrente do cruzamento recíproco da história e da ficção narrativas. Tal perspetiva significa que só pelo “figurar-se que” uma razão limitada pode superar as aporias da especulação sobre a natureza da temporalidade. Nessa medida, a *identidade narrativa* é o princípio de solução do que Ricoeur designa como a primeira aporia da temporalidade, a que resulta da ocultação mútua do tempo fenomenológico e do tempo cosmológico, sendo a “résolution poétique du cercle herméneutique” (Ricoeur, 1985, p. 358) constituído pela relação entre temporalidade e narratividade. O tempo humano é, pois, como uma terceira dimensão ou um terceiro tempo, entre o fenomenológico e o cosmológico, resultante do cruzamento recíproco das intencionalidades referenciais da história e da ficção que entrecruzam as suas posições e fazem-nas interagir:

“(…)Pour conclure, l'entrecroisement entre l'histoire et la fiction dans la reconfiguration du temps repose, en dernière analyse, sur cet empiétement réciproque, le moment quasi historique de la fiction changeant de place avec le moment quasi fictif de l'histoire.” (Ricoeur, 1985, p. 279).

Os supostos básicos desta tematização remetem, simultaneamente, para uma conceção determinada acerca da natureza epistemológica da História e da Ficção. Por um lado, o carácter irrecuperável do passado, enquanto tal, obriga o fazer da história a uma implicação narrativa – e não meramente descritiva ou explicativa – e a uma invocação da imaginação para poder ultrapassar a dimensão não observável do *já acontecido* ou do *ter sido*. Por outro, a criação ficcional desenvolve-se no quadro de uma lógica poética, configuradora de universais possíveis, assente no trabalho de uma imaginação de raiz transcendental que produz, segundo regras, mundos humanamente

verosímeis e habitáveis, marcando-a com a dimensão de uma capacidade de referencialidade ontológica intrínseca³.

A *identidade narrativa* é explicitamente abordada nos V e VI estudos de *Soi-même comme un Autre*. Aí, numa nota, Ricoeur explicita o que distingue a abordagem do tema, em *Temps et Récit e Soi-même comme un Autre*, dizendo a certa altura:

“Ce qui manquait à cette appréhension intuitive du problème de l’identité narrative, c’est une claire compréhension de ce qui est en jeu dans la question même de l’identité appliquée à des personnes où à des communautés. La question de l’entrecroisement entre histoire et fiction détournait en quelque sorte l’attention des difficultés considérables attachés à la question de l’identité en tant que telle. C’est à ces difficultés qu’est consacré la présente étude.” (Ricoeur, 1990, p. 138)

Como já se disse na introdução, a *identidade narrativa* corresponde à procura da pertinência da análise da temática da identidade, a despeito das desconstruções oriundas das hermenêuticas da suspeita, de Freud a Nietzsche, bem como dos ataques que sofrem a questão do sujeito na contemporaneidade mais próxima. Entre a ideia tradicional de um ser substancial e totalmente extralinguístico e a ideia de um eu como pura instância discursiva, à maneira de Émile Benveniste, Paul Ricoeur introduz a categoria de *identidade narrativa*, como expressão do si mesmo, que, enquanto agente e responsável de uma ação, responde à pergunta *quem sou eu?*, mas, contudo, deixa um vazio quanto à possibilidade de responder à interrogação *o que sou eu?*.

Definida já em *Temps e Récit* como uma posição frágil e instável que “ne cesse de se faire et de se défaire” (Ricoeur, 1985, p.358), a tematização da *identidade narrativa* em *Soi-même comme un Autre* dá conta dessa dimensão de fragilidade e instabilidade em jogo, pautando-se por uma série de pequenos adquiridos teóricos, laboriosamente conquistados num cerrado e meandroso processo argumentativo.

³Estes supostos básicos, por sua vez, enraízam-se no quadro aporético que sustenta *Temps et Récit*: a inescrutabilidade do tempo que, como o mal, é inacessível à síntese nocional, e o caráter referencial de todos os usos da linguagem que, nunca é “para sua própria glória” e sim para trazer à expressão a experiência de se ser num mundo.

Nas palavras do próprio autor, *Temps et Récit* é uma obra gêmea de *La Métaphore Vive*, sendo ambas sobre a *inovação semântica*, ou seja, sobre o poder ontológico do uso poético da linguagem; todavia, *Temps et Récit* não vai ocupar-se da metáfora, mas sim da narrativa, testando a hipótese de que a narrativa seja a única mediação acessível a uma razão finita para dizer o tempo. Por outras palavras, *Temps et Récit* desenvolve a hipótese de haver entre temporalidade e narratividade uma circularidade hermenêutica insuperável porque constitutiva, uma vez que toda a narrativa assenta no caráter temporal da experiência humana e, simultaneamente, o tempo é subsumido como humano através da narrativa.

O núcleo da mediação argumentativa centra-se na distinção entre uma identidade *idem* e uma identidade *ipse*, ou seja, entre mesmidade e ipseidade, sendo a *identidadenarrativa* um processo jamais acabado, uma *synthèse ajournée* entre *quoi* e *qui* no desenvolvimento humano. A identidade *idem* diz respeito a uma abordagem impessoal, estática e atemporal da problemática da identidade: A identidade *ipse* é, pelo contrário, uma perspectiva dinâmica e essencialmente ancorada na temporalidade onde a natureza humana radica.

Importa, antes de tudo, compreender que a identidade como mesmidade e a identidade como ipseidade são respostas a interrogações diferentes e formuladas de lugares teóricos diferentes. Na identidade *idem* está contido o interesse pela natureza do ser a que se refere; responde, por isso, à interrogação *o que é?*, referenciando-se a uma preocupação ontológica, no horizonte daquilo que a pós-modernidade designaria como um pensamento metafísico, na medida em que o quadro legitimador é a ideia de substância, na forma de *eu* imutável. A identidade *ipse* remete para um *si mesmo* e não para um *eu substantivo* que, ao relevar do contexto do poder de iniciativa humana, refere-se a um interesse eminentemente prático, respondendo à pergunta *quem?*, nas diferentes dimensões do agir e do padecer.⁴

É enquanto *permanência no tempo* que as duas perspectivas sobre a identidade se cruzam de modo significativo, sendo aí que é necessário marcar a sua divergência basilar, mostrando que cada uma delas corresponde a uma modalidade diferente de entender a permanência no tempo, mostrando como a questão da temporalidade condiciona todo o sentido da análise.

“La mêmétéest un concept de relation et une relation de relations” (Ricoeur, 1990, p.140). Esta rede de relações desenvolve-se em torno de dois blocos de significação. Um quantitativo, correspondendo a um primeiro nível, onde se inscreve a identidade numérica que, enquanto unicidade, se opõe à pluralidade. Um segundo que remete para a relação com o tempo embora em graus diferentes. No início deste segundo bloco encontra-se o nível qualitativo da identidade ou a identidade como semelhança, fazendo a passagem para os outros graus de relação da identidade-*idem* com a temporalidade. Um dos exemplos que Ricoeur refere na sua análise e que me parece o mais ilustrativo diz respeito à identidade física de uma pessoa, como é o caso

⁴Ricoeur insiste na diferença a todos os níveis – lógico, epistemológico e ontológico – que separa o *idem* do *ipse*, ou o *eu* do *si mesmo*.

da identificação do agressor pela sua vítima. Pondo em jogo a comparação entre duas ocorrências diferidas no tempo, esta dimensão da identidade-mesmidade corresponde ao primeiro momento da introdução da dúvida no processo da definição identitária. Na sequência, a terceira componente da identidade-*idem* é a ideia de continuidade ininterrupta que é, afinal, a única dimensão que permite articular a semelhança quando se está perante uma distância temporal muito dilatada. No fundo, a mesmidade necessita de mobilizar recursos para ultrapassar a mudança, para encontrar um fundo subsistente que marque a unicidade. É por essa razão que a *permanência no tempo* é o coroar da identidade-*idem* porque só ela pode garantir a legitimidade da identidade baseada na semelhança ou na continuidade ininterrupta. É preciso garantir a permanência, referindo a mudança, como no caso da velhice, por exemplo, a uma exterioridade que não afeta o fundo da mesmidade do ser em causa, para que a perspectiva *idem* da identidade seja consistente. Daí que o cerne da temática da identidade-*idem* seja a ideia de permanência no tempo que é, como Ricoeur afirma, “ (...) le transcendantal de l’identité numérique” (Ricoeur, 1990, p. 142).

Resumindo, na identidade-*idem*, é sempre a ideia de substancialidade que está em jogo. O mesmo não acontece com a identidade-*ipse*. Constituindo-se como núcleo de solução para uma interrogação diferente, como se viu, a identidade como ipseidade vai organizar-se de maneira a dar um sentido à ideia de permanência no tempo que não implique a determinação de um **substrato**, de um suporte imutável e fixo.

Será possível, interroga Ricoeur, conceber de outra forma a permanência do tempo?

Paul Ricoeur vai colocar como exemplo paradigmático da permanência humana no tempo a noção de *promessa*, mas de promessa cumprida. A fidelidade à palavra dada ou o cumprimento das promessas representa um desafio ao tempo ou, melhor ainda, a capacidade humana de superar a força do tempo, porque não o nega, antes o assume e como que lhe responde, uma vez que, a despeito de todas as mudanças que a passagem do tempo implica, pagar uma promessa significa reassumir-se nessa transformação e, nesse gesto, trazer algo de passado para o presente. Cumprir uma promessa é dar prova da diferença entre ipseidade e mesmidade e mostrar como a ipseidade corresponde a um outro registo, dado que ser fiel a uma promessa põe a descoberto a decisão de uma liberdade que pôs a responsabilidade acima de qualquer tipo de modificação. Posso ter-me tornado diferente do que era no momento em que dei a minha palavra, os meus

valores podem até ter-se alterado, contudo, tenho capacidade de me manter fiel a essa palavra dada em nome do reconhecimento da permanência do dever em relação à minha responsabilidade. Pela promessa, expressão maior da ipseidade e figura da permanência no tempo da *identidade narrativa*, fica patente que a problemática da identidade responde a um interesse de natureza ética. No meu entender, a própria noção de *identidade narrativa* pode ser descrita sob essa noção de promessa a si mesmo. Mantenho-me uma identidade porque assumo querer dar um sentido à minha vida, assumo querer ser a referência do meu próprio desenvolvimento. O si mesmo é uma promessa, um pacto assumido – daí que eu, cada eu, seja coautor de si mesmo. Esta perspectiva permite mostrar a articulação entre historicidade, fidelidade e compromisso que põe de relevo imediatamente o caráter ético de toda esta problemática.

Contudo, num eu que tem um corpo, a identidade *ipse* não pode isolar-se da identidade *idem* e, nessa medida, a identidade narrativa oscilará “entre deux limites, une limite inférieure, où la permanence dans le temps exprime la confusion de l’*idem* et de l’*ipse* et une limite supérieure, où l’*ipse* pose la question de son identité sans le secours et l’appui de l’*idem*.” (Ricoeur, 1990, p.150). Com base nesta caracterização, é fácil compreender dois traços essenciais da identidade narrativa: por um lado, o seu caráter dinâmico e, por outro, o facto de uma das raízes desse dinamismo advir da impossibilidade da separação absoluta entre ipseidade e mesmidade, em virtude da subjetividade ser corporal.

A radicação no literário da conceção de *identidade narrativa*

A articulação entre a categoria *identidade narrativa* e o uso literário da linguagem, no seu alcance ontológico, enraíza-se na própria emergência da questão em análise, como se viu no início, ao explicitar-se, com Ricoeur, que a *identidade narrativa* era o nome dado a uma hipótese teórica que propunha a articulação entre as narrativas histórica e ficcional como modo de configurar o tempo humano, constituindo-se em ponte entre duas margens diretamente incomunicáveis: o tempo cosmológico e o tempo fenomenológico. Portanto, antes de ser tematizada em *Soi-même comme un Autre* no horizonte da questão do si mesmo, a problemática da identidade narrativa nascia no interior de uma conceção do literário, enquanto uso específico da linguagem, que fazia

dele uma fonte de significação capaz de conduzir o pensar por novos caminhos e explorações.

Por outro lado, em *Soi-même comme un Autre*, no quadro de uma hermenêutica do si mesmo, é com base na sua teoria geral da narrativa que Ricoeur desenha a ideia de tomar a identidade da **personagem** de uma intriga como configuração da *identidade narrativa* do si mesmo.

Neste contexto, que quadro compreensivo ou que tipo de solução representa, então, a designação *identidade narrativa*?

O qualificativo *narrativa* aponta para a ideia de ordem, mas de uma ordem dinâmica, de uma totalidade de sentido resultante do predomínio da articulação sobre a desagregação, permitindo referir a identidade à noção diltheyana de *conexão da vida* ou de histórias de uma vida (Ricoeur, 1990, p.168). A relevância do qualificativo *narrativa* na caracterização da identidade decorre do modo como a narrativa realiza a conexão dos elementos que articula, especificamente no que diz respeito à maneira como integra o *acontecimento* (Ricoeur, 1990, p.169). Compreender esta importância do qualificativo *narrativa* obriga a revisitar o essencial da teoria narrativa que Paul Ricoeur explicitou em *Temps et Récit*, particularmente em três aspetos: a sua base praxística, o papel da temporalidade na sua constituição e o tipo de unificação que propõe.

A posição de Ricoeur sobre a narrativa, configurada na teoria da tríplice mimese, advém da interceção do par *mimese-mito*, a partir da *Poética* de Aristóteles, como dois temas dinâmicos e interativos. O *muthos* é a “mise en intrigue” e a mimese é assumida não como cópia ou imitação, mas como atividade criadora que imita a sua própria produção. Apropriando-se da afirmação aristotélica de que “l'intrigue c'est la représentation de l'action” (Ricoeur, 1983, p. 59), Ricoeur dirá que “[l]'action est le «construit» de la construction en quoi consiste l'activité mimétique” (Ricoeur, 1983, p. 60). Assim, toda a discursividade narrativa se articula com a experiência humana do agir, onde se enraíza (mimese I) e que reconstrói ficcionalmente (mimese II) para a proporcionar como texto a ser lido (mimese III). Por outro lado, a reconstrução da ação, levada a cabo pela atividade mimética de compor intrigas, é uma atividade ordenadora porque produz uma totalidade de sentido, ou seja, uma unidade inteligível, com princípio, meio e fim. Tal unidade é realizada a partir da estruturação temporal, mais especificamente, a partir do modo como o acontecimento, isto é, o imprevisto e desestabilizador, é incorporado na estruturação temporal. No discurso narrativo o tempo

é configurado numa dupla dimensão: cronologicamente, enquanto sucessão dos acontecimentos e produzindo totalizações, na medida em que transforma uma sucessão de acontecimentos em intriga, ou seja, numa figura inteligível em que a desordem, o imprevisto, numa palavra, a contingência, é integrada de maneira a compor ou configurar um todo verosímil e compreensível: “L’art de composer consiste à faire paraître concordante cette discordance” (Ricoeur, 1983, p. 72). É a dinâmica temporal que a narrativa configura que integra a contingência ou o que poderia não ter acontecido e o transforma em necessidade pelo lugar que lhe atribui num quadro de inteligibilidade possível:

L’inversion de l’effet de contingence en effet de necessite se produit au coeur même de l’événement: en tant que simple occurrence, ce dernier se borne à mettre en défaut les attentes créées par le cours antérieur des événements; il est simplement l’inattendu, le surprenant, il ne devient partie integrante de l’histoire que compris après coup, une fois transfigure par la necessite en quelque sorte retrograde qui procède de la totalité temporelle menée à son terme. (Ricoeur, 1990, p. 170).

Contudo, esta unidade inteligível ou esta totalização de sentido é frágil e precária por ser conquistada sobre um fundo de discordância e de desagregação sempre iminentes.

Aplicada à questão da identidade, esta perspectiva marca o seu carácter dinâmico e, simultaneamente, instável, apresentando-a como um processo que “não cessa de se fazer e de se refazer”.

Para exponenciar esta marca de fragilidade e de precariedade da *identidade narrativa*, Ricoeur vai assimilá-la, como se disse, à noção de *personagem* de uma narrativa. Diz ele: “L’identité, narrativement comprise, peut être appelée, par convention de langage, identité de *personnage*” (Ricoeur, 1990, p. 168), que é “*qui fait l’action dans le récit*” (170). É no contexto desta assimilação que a identidade narrativa representa a *réplica poética*, ou seja, o modo oblíquo, assente na analogia, de explicação da forma como o agente humano se relaciona com a sua ação.

A personagem é o que se destaca da intriga e o que se alimenta dela, uma vez que “C’est l’identité de l’histoire qui fait l’identité du personnage”, (Ricoeur, 1990, p.175), sendo, por um lado, também uma intriga dado que a sua singularidade decorre “de l’unité de sa vie considérée comme la totalité temporelle elle-même singulière qui le

distingue de tout autre” (*Ibidem*) e, por outro, enquanto personagem de uma narrativa “n’est pas une entité distincte de ses’expériences”. (*Ibidem*).⁵

Esta perspectiva de articulação da *identidade narrativa* com a identidade de personagem de uma intriga lança uma luz clarificadora sobre aquilo que está em jogo no tema da fidelidade à palavra dada ou do cumprimento das promessas. Na verdade, é a ideia de conexão ou unidade da vida que, sem apagar as marcas das transformações decorrentes da passagem do tempo, pode sustentar que alguém se sinta moralmente ligado ao cumprimento de uma palavra dada em circunstâncias com as quais já não se reconhece.

Em *Soi-même comme un Autre*, no final da análise sobre a *identidade narrativa*, Ricoeur questiona-se sobre o facto de se se interpretar em termos de uma narrativa conduz ao reconhecimento de si como autor, narrador e personagem dessa vida/narrativa – narrada, respondendo que “Narrateur et personnage, sans doute, mais d’une vie dont [...] je ne suis pas l’auteur.” (Ricoeur, 1990, p. 189). Ou seja, a *identidade narrativa* apresenta-se como sendo um tipo de “intriga” em que cada sujeito se encontra implicado, mas de cuja origem e fim não tem controle, sendo a sua tarefa própria apenas a de lhe conferir sentido. No quadro do pensar ricoeuriano, que veda à racionalidade humana a capacidade de “decifrar a intriga suprema”, então, esse conferir sentido à vida/narrativa – narrada nasce marcado por um constitutivo inacabamento e por um traço de crise determinado pela dialética entre uma afirmação de si, como capaz de responsabilidade, e por um apagamento de si como substância.

Para Paul Ricoeur “[...] la littérature s’avère consister en un vaste laboratoire pour des expériences de pensée où sont mises à l’épreuve du récit les ressources de variation de l’identité narrative.” (Ricoeur, 1990, p.176). Esta fecundidade da literatura vai-se concretizar em alguns aspetos essenciais da compreensão do valor e dos limites da *identidade narrativa* como princípio da interpretação. Está neste caso, a desocultação da inseparabilidade dialética entre a mesmidade e a ipseidade, assente na ideia de que o corpo tem de ser sempre um *corpo-próprio*, ou seja, um corpo assumido por uma subjetividade e que é através dessa dimensão corporal que a condição terrestre do humano se configura, como modo de ser da identidade narrativa.

⁵No meu entender, é esta assimilação que permite compreender, de forma definitiva, que a problemática da *identidade narrativa* não procura referir nenhuma estrutura substancial, mas apenas designar uma função, a de se estar ligado aos nossos atos pela responsabilidade.

A este nível, Ricoeur vai argumentar com D. Parfit e os seus *puzzling cases* enquanto exemplos dirigidos à dissolução do próprio sentido da questão da identidade (Parfit, 1986). Para isso estabelece uma distinção clara entre o tipo de variações imaginativas, acerca da identidade da personagem da intriga, propostas pela ficção literária e pelo que designa de ficção tecnológica, nome com que se refere à ficção científica. No primeiro caso, o da ficção literária, as variações imaginativas dão-se em torno de uma invariante que é a dimensão corporal ou a condição corporal das personagens. Ricoeur chamará a esta perspetiva condição terrestre, sendo aqui a Terra tomada como “[...] le nom mythique de notre ancrage corporel dans le monde”, pelo que a ação proposta como mundo possível nesse tipo de ficção “[...] reste elle aussi soumise à la contraente de la condition corporel et terrestre.” (Ricoeur, 1990, p. 178). Esta inseparabilidade entre o corpo agente e a sua ação dá conta de que, nesta perspetiva, se está a tomar o corpo como parte inalienável da subjetividade e, portanto, que há uma inscrição na ideia de corpo próprio. No segundo caso, o da ficção científica ou tecnológica, é o inverso que ocorre. Configurar as variações imaginativas da identidade da personagem no quadro “da tecnologia concebível” e “do sonho tecnológico” baseia-se na ideia da impessoalidade do corpo tomando o cérebro como o único equivalente corporal da pessoa e, nessa medida, pode propor, como leitura possível, a reduplicação do cérebro, a sua teletransportação, a sua transplantação, etc, para levantar dificuldades à concetualização da identidade. Paul Ricoeur vê neste modo de abordar a corporeidade o equivalente de uma forma impessoal de conceber a identidade, pelo que, afirma

(...) on peut dire que les variations imaginatives de la science-fiction sont des variations relatives à la mêmété, tandis que celles de la fiction littéraire sont relatives à l’ipséité, ou plus exactement à l’ipséité dans son rapport dialectique à la mêmété.”⁶ (Ricoeur, 1990, p.179).

Um outro aspeto em que a ficção literária se mostra como modelo e horizonte de confirmação da *identidade narrativa* diz respeito à própria forma como a narrativa ficcional dá a ver maneiras possíveis de permanência no tempo, ou seja, a forma como dá figura às variações entre personagem e identidade. Para mostrar a grande amplitude onde a ficção literária inscreve os modos diferentes de configurar a permanência do

⁶A ideia de corpo também está ligada ao direito da pessoa à sua integridade, princípio não respeitado pela ficção tecnológica.

tempo, Ricoeur convoca, num extremo, os contos de fadas e o folclore e no outro, Robert Musil e o seu *Homem sem qualidades*.

Nos contos de fadas e no folclore, os heróis e as heroínas propõem-nos um paradigma de permanência no tempo no quadro da mesmidade, através de traços de caráter fixos e estereotipados.

No outro extremo, Robert Musil protagoniza a ficcionalização da perda da identidade, do seu estilçamento total ou do seu vazio.

Paul Ricoeur dialoga com este exemplo, com aquilo que poderíamos chamar, a prova de fogo do contra exemplo. E fá-lo com dois tipos de aproximação: Num primeiro momento, inscreve a obra de Musil no interior da crise ou do fim da narrativa. Nesse contexto, o estilçamento da personagem ressoaria na intriga e, por essa razão, haveria de questionar se ainda estamos dentro da narrativa ou nas fronteiras do ensaio. Contudo, mesmo neste quadro, Ricoeur considera que só a dimensão *idem* da identidade foi derrotada e acrescenta até que

(...) ces cas déroutants de la narrativité se laissent réinterpréter comme mise à nu de l'ipséité par perte de support de la mêmété. C'est en ce sens qu'ils constituent le pôle opposé à celui du héros identifiable par superposition de l'ipséité et de la mêmété. Ce qui est maintenant perdu, sous le titre de «propriété» c'est ce qui permettait d'égaliser le personnage à son caractère. (Ricoeur, 1990, pp. 177-178).

Em convergência direta com esta perspectiva, chama-se também a atenção para a ambiguidade da afirmação “perda da identidade” que vai ser explorada num sentido que permite colocar, de novo, no centro da análise o tema da promessa.

À questão, *a que tipo de nada conduz a destruição da identidade?*, Ricoeur responde que conduz a um nada com alguma determinação e não apenas ao puro vazio. Diz ele, referindo-se à obra de Musil: “La phrase: «je ne suis rien», doit garder sa forme paradoxale: «rien» ne signifierait plus rien, si «rien» n'était en effet attribué à «je»” (Ricoeur, 1990, p. 196). Isto é, seja de que perspectiva for, está suposta uma relação de referência do “nada” ao “eu”, pelo menos, no plano da linguagem. Assim, Ricoeur aproveita para reforçar a ideia de que apenas o modelo de uma permanência no tempo sob a forma de mesmidade está em causa. Contudo, dado o estilçamento deste “eu” destituído de todas as qualidades ou propriedades, torna-se necessário reconvocar o plano da responsabilidade moral transportado na ideia de promessa e da possibilidade do seu cumprimento:

Comment, dès lors, maintenir au plan éthique un soi qui, au plan narratif, paraît s'effacer? Comment dire à la fois «Qui suis-je?» et «me voici!»? [...] Entre l'imagination qui dit «Je peux tout essayer», et la voix qui dit: «Tout est possible, mais tout n'est pas bénéfique [...]», une sourde discorde s'installe. C'est cette discorde que l'acte de la promesse transforme en concorde fragile: «Je peux tout essayer», certes, mais: «Ici, je me tiens!» (Ricoeur, 1990, pp.197-198).

Dentro desta linha, Paul Ricoeur, assumirá esta variação imaginativa-limite da personagem como uma crise existencial do si mesmo e não como a destruição da hipótese teórica de a *identidade narrativa* ser um princípio hermenêutico fecundo.

A dimensão prática da *identidade narrativa* e a sua remissão para a ética

A versão narrativa e a versão ética da ipseidade não se justapõem, porque a *identidade narrativa* não esgota a questão da ipseidade: “[...] l'identité narrative n'équivaut à une ipséité véritable qu'en vertu de ce moment décisive, qui fait de la responsabilité éthique le facteur suprême de l'ipséité.” (Ricoeur, 1985, p. 359). Contudo, o texto narrativo, em função da teoria da tríplice mimese, emerge como sendo, a um tempo, um elemento de ruptura e de ligação com o mundo do agir, a montante e a jusante da sua constituição. Enquanto imitação do agir humano de onde parte, a ficção narrativa enraíza-se nela, mas, simultaneamente, como criação imaginativa, rompe com ela, abrindo “le royaume du *comme si*” (Ricoeur, 1983, p. 101) e propondo uma nova figura do mundo. Todavia, o texto literário é em si mesmo incompleto na sua função referencial, necessitando de ser devolvido à vida da ação pela sua eficácia refiguradora, através da recepção, pela leitura. A sua função é, pois, de mediação. É nessa dimensão que consiste a sua inteligibilidade.

Ao nível a que nos situamos, esta função mediadora da ficção literária concretiza-se, pelo menos, em dois aspetos: amplificador da experiência pessoal e consolação.

Na medida em que nos abrimos ao mundo do texto proposto pela narrativa literária, dimensionamos a nossa experiência pessoal ao aferi-la com as diferentes experiências que tais narrativas nos apresentam como possíveis: por outro lado, esse dimensionamento da nossa experiência faz-se, necessariamente, por meio de um processo avaliativo do que nos é proposto, de onde, o gozo estético é acompanhado do juízo moral, ainda que não se reduza a este:

“Le plaisir que nous prenons à suivre le destin des personnages implique certes que nous suspendions tout jugement moral réel, en même temps que nous mettons en suspens l’action effective. Mais, dans l’enceinte irréaliste de la fiction, nous ne laissons pas d’explorer de nouvelles manières d’évaluer actions et personnages. Les expériences de pensée que nous conduisons dans le grand laboratoire de l’imaginaire sont aussi des explorations menées dans le royaume du bien et du mal.” (Ricoeur, 1990, p. 194).

A experiência da leitura da narrativa ficcional, se for realizada numa atitude de abertura ao texto e de disponibilidade para refigurar o nosso mundo a partir dele, pode funcionar também como consolação, no sentido de uma efetiva catarse quanto às questões existenciais limite, como é o caso do sofrimento e da morte, de tal modo que “[...] la fiction peut-elle concourir à l’apprentissage du mourir.” (Ricoeur, 1990, p. 192).

Sintetizando, a linguagem literária, na sua figura de narrativa, por um lado, é uma via de acesso ao reconhecimento de si como *identidade narrativa*, mas, por outro lado, tem uma função essencial de mediação não só para o diálogo consigo mesmo e com a sua condição de mortalidade do humano, como também por se constituir como uma relação essencial com o plano ético, configurando-se como uma espécie de pórtico à reflexão ética propriamente dita e, ao mesmo tempo, como inspiração e referencial do agir concreto, enquanto imenso repositório de sabedoria prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Gilbert, Muriel. *L’identité narrative. Une reprise à partir de Freud de la pensée de Paul Ricoeur*. Genebra: Labor et Fides, 2001.

Parfit, Derek. *Reasons and Persons*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

Ricoeur, Paul. *Le volontaire et l’involontaire*. Paris : Aubier-Montaigne, 1950.

_____. *Finitude et Culpabilité. I. L’Homme faillible*. Paris : Aubier-Montaigne, 1960.

_____. *Finitude et Culpabilité. II. La symbolique du mal*. Paris : Aubier-Montaigne, 1960.

_____. *De l’interprétation. Essai sur Freud*. Paris : Éditions du Seuil, 1965.

_____. *Le conflit des interprétations. Essais d’herméneutique*. Paris : Éditions du Seuil, 1965.

- _____. *La métaphore vive*. Paris : Éditions du Seuil, 1975.
- _____. *Temps et Récit I*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- _____. *Temps et Récit III*. Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- _____. *Soi-même comme un autre*. Paris : Éditions du Seuil, 1990.